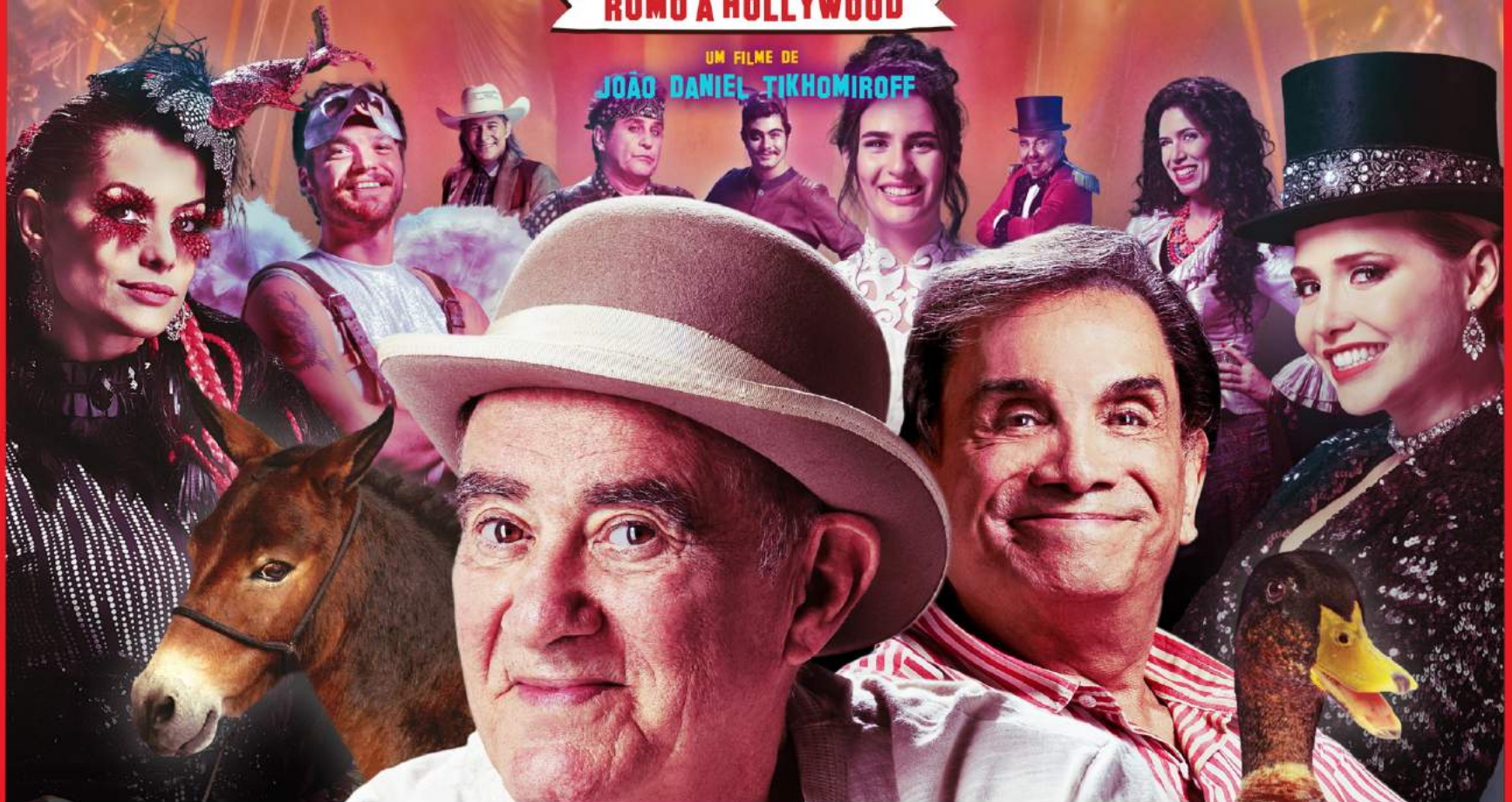


RENATO ARAGÃO E DEDÉ SANTANA

OS SALTIBANCOS TRAPALHÕES

RUMO A HOLLYWOOD

UM FILME DE
JOÃO DANIEL TIKHOMIROFF



Produção

MIXER
FILMS

Distribuição

GLOBO FILMES

Patrocínio

BR PETROBRAS

Apelo

NEO GAMA TELE CINE

Distribuição

PARIS FILMES
DOWNTOWN

BRDE

ISA

ancine

15

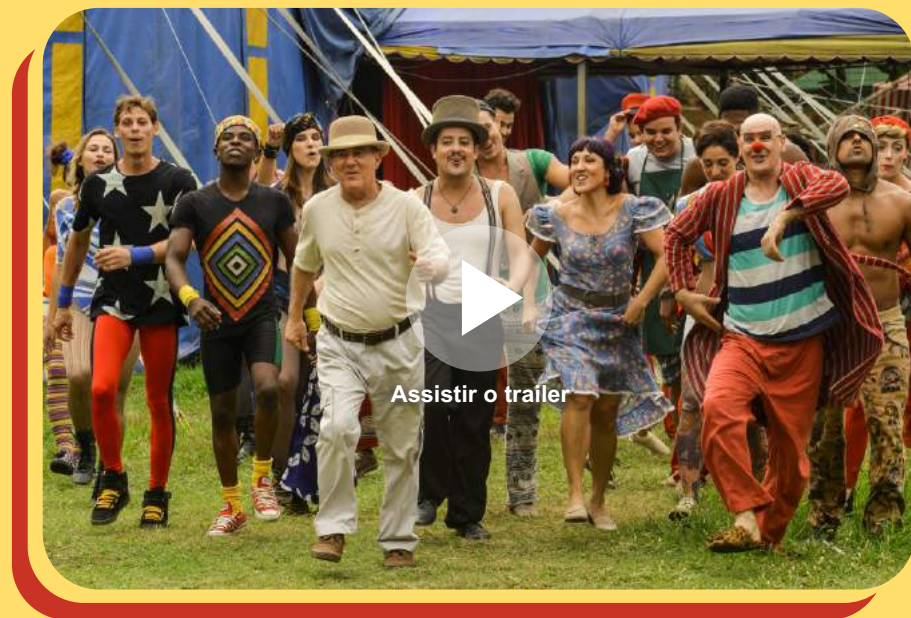
BRASIL

APRESENTAÇÃO

Entre o final da década de 1970 e o início da de 1990, Os Trapalhões lançaram 23 filmes e levaram mais de cem milhões de pessoas às salas de exibição. Construíram a maior franquia do cinema nacional e, claro, alojaram-se definitivamente na memória afetiva de gerações de brasileiros que os assistiam na TV aos domingos. Este histórico torna “Os Saltimbancos Trapalhões: Rumo a Hollywood”, desde já, um dos lançamentos mais aguardados de 2017. O filme, dirigido por João Daniel Tikhomiroff, é o 50º na carreira de Renato Aragão.

Na produção, que chega aos cinemas dia 19 de janeiro, Didi, Dedé e sua turma precisam criar novos números para salvar o Grande Circo Sumatra, que passa por dificuldades financeiras desde a proibição do uso de animais. Karina, filha do dono do circo (o Barão), é interpretada pela atriz Letícia Colin, que forma o trio de protagonistas com Renato Aragão e Dedé Santana. O grande elenco reúne ainda atores como Alinne Moraes, Rafael Vitti, Emílio Dantas, Livian Aragão, Marcos Frota, Maria Clara Gueiros, Nelson Freitas e Roberto Guilherme, além das participações especiais de Dan Stulbach e Marcos Veras.

Um dos estímulos para a produção do longa foi o sucesso do musical “Os Saltimbancos Trapalhões”, da dupla Charles Möeller e Claudio Botelho, que marcou a estreia de Renato Aragão no teatro. No filme, a trilha sonora composta por Chico Buarque ganha novos arranjos e uma música inédita, também do aclamado compositor. Resultado de tantos talentos reunidos, “Os Saltimbancos Trapalhões: Rumo a Hollywood” promete divertir tanto crianças quanto adultos.



ÍNDICE

- 02 - APRESENTAÇÃO
- 04 - SINOPSE
- 05 - ELENCO E FICHA TÉCNICA
- 06 - ENTREVISTA DIRETOR: JOÃO DANIEL TIKHOMIROFF
- 10 - RENATO ARAGÃO
- 14 - DEDÉ SANTANA
- 18 - LETÍCIA COLIN
- 21 - ELENCO
- 29 - PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS
- 31 - O GRANDE CIRCO SUMATRA
- 32 - TRILHA SONORA
- 33 - PRODUÇÃO: ELIANE FERREIRA
- 36 - DISTRIBUIÇÃO





SINOPSE

Didi Mocó (Renato Aragão) e Karina (Leticia Colin) têm a difícil missão de ajudar o Grande Circo Sumatra a sair de uma grave crise financeira. Quando Barão (Roberto Guilherme), dono do circo, aceita propostas de mau gosto do corrupto prefeito da cidade (Nelson Freitas), eles decidem se reunir para montar um novo número e voltar a atrair o público. O roteiro surge a partir dos sonhos malucos de Didi, em que ele conversa com animais falantes, e logo começam os ensaios. Mas além do prefeito, eles ainda terão que enfrentar a arrogância do gerente do circo, Assis Satã (Marcos Frota), e sua cúmplice, Tigrana (Alinne Moraes), para tentar salvar o circo e levar adiante a ideia de um novo e sensacional espetáculo.

ELENCO

Renato Aragão - Didi Mocó ★ **Dedé Santana** - Dedé ★ **Leticia Colin** - Karina Bartholo
Emílio Dantas - Frank Severino ★ **Alinne Moraes** - Tigrana ★ **Marcos Frota** - Assis Satã
Roberto Guilherme - Barão Bartholo ★ **Livian Aragão** - Luiza ★ **Rafael Vitti** - Pedro
Maria Clara Gueiros - Zoroastra ★ **Nelson Freitas** - Prefeito Aurélio Gavião ★ **Marcos Veras** - Carlos

FICHA TÉCNICA

Direção: João Daniel Tikhomiroff

Roteiro: Mauro Lima

Produção executiva: Romulo Marinho Jr.

Produtor Associado: Carlos Diegues

Produtores: Eliane Ferreira, Hugo Janeba, Michel Tikhomiroff e João Daniel Tikhomiroff

Produção: Mixer Films

Argumento: Claudio Botelho, Charles Möeller e Renato Aragão

Montagem: Leticia Giffoni

Direção de Fotografia: Helcio "Alemão" Nagamine, ABC

Direção de Arte: Cláudio Amaral Peixoto

Direção Musical: Claudio Botelho e Charles Möeller

Trilha Sonora: Marcelo Castro

Coreografo: Alonso Barros

Edição e Mixagem de Som: Alessandro Laroca, Armando Torres Jr., ABC e Eduardo Virmond Lima

Supervisão de Efeitos Especiais: Marcelo Siqueira, ABC



ENTREVISTA

DIRETOR: JOÃO DANIEL TIKHOMIROFF

Cineasta, que se tornou o segundo maior premiado do mundo com a direção de comerciais após ganhar 41 leões no Festival de Cannes, João Daniel Tikhomiroff já produziu dezenas de séries para os principais canais de TV, como “O Negócio” (HBO), “A Secretaria do Presidente” (Multishow), “Desafio Celebidades” (Discovery), “Mothern” (GNT), “Agora Sim” (Sony), na qual também atuou como diretor, e “Julie e os Fantasmas” (Band/Nickelodeon). Muitas delas premiadas e indicadas ao Emmy International Awards, Emmy Kids Awards, Prêmio APCA, entre outras.

ENTREVISTA

DIRETOR: JOÃO DANIEL TIKHOMIROFF

No cinema também produziu os filmes “Corações Sujos”, “Confia em Mim”, “Mato Sem Cachorro” e “Entre Abelhas”. Dirigiu o longa “Besouro” (Disney-Miravista/ Globo Filmes), selecionado e premiado em vários países e festivais, como o “Campus Giuventu Award” do Festival de Taormina. E “Melhor Filme” do Pan African Los Angeles Festival, nomeado ao Festival de Berlim, Filmmaker Award - ReelWorld Film Festival (Toronto), além de três Grandes Prêmios do Cinema Brasileiro (Academia Brasileira de Cinema), entre outros.

Ainda na TV, dirigiu a série de sucesso “A Garota da Moto” (SBT/Fox), a série "Agora Sim"(Sony), dois telefilmes com Renato Aragão (TV Globo), além de dois Especiais Roberto Carlos (TV Globo).

Como surgiu esse filme musical?

Pensamos em fazer uma comédia que respeita o estilo dos Trapalhões, mas com uma pegada de musical. Fizemos os personagens cantando com a voz dos próprios atores. A história é baseada no musical que Möeller e Botelho apresentaram no teatro em 2014 e convidei Mauro Lima para escrever o roteiro, dando um olhar mais contemporâneo na dramaturgia, mas com a mão de Renato Aragão ajudando nas gags e em suas falas. Afinal, Didi é uma criação do Renato.

E a história, que é diferente da trama da versão de 1981 de “Os Saltimbancos Trapalhões”?

Surgiu a ideia de trazer Hollywood, que o Chico Buarque fala na música. A história é a revolução dos bichos, novamente, só que dos bichos que já não estão no circo. Contam para o Didi nos sonhos dele que, para salvar o circo, a trupe tem que cantar e dançar caracterizada como animais. Assim, você traz os bichos de volta ao circo de uma maneira lúdica, bonita e positiva. É a essência da peça Os Saltimbancos, que veio dos Irmãos Grimm. As músicas, maravilhosas, são todas do Chico e ganharam uma nova roupagem, novos arranjos, novas gravações. Estou bastante feliz.

ENTREVISTA

DIRETOR: JOÃO DANIEL TIKHOMIROFF

Como foi feita a escolha deste elenco, repleto de estrelas?

Começando com Renato Aragão e Dedé Santana, o filme já começa muito bem! Uma das coisas mais importantes em um filme é escolher o elenco. Quando definimos a nova história, começamos a lembrar dos personagens, que permanecem os mesmos, embora tenham sido transformados. Como não temos tradição de musicais no cinema e a de musicais no teatro é recente, não é tão fácil. Recebemos sugestões e soube que a Leticia Colin, que eu tinha adorado, canta há muito tempo. O Emílio Dantas também, ele tem uma banda, inclusive. Ambos fizeram musicais. Vimos que a Alinne Moraes seria fantástica como vilã e ela adorou a possibilidade de fazer a Tigrana. Demos muita sorte. Acho que 95% dos convites foram aceitos de primeira. As pessoas querem fazer por ser a volta do Renato Aragão ao cinema. O Roberto Guilherme não poderia faltar. A Livian Aragão fazia esta personagem no teatro. Ela faz par com o Rafael Vitti, de quem gostei muito. Vi a vontade que ele estava de fazer este filme. Lutou para isso. Temos também no elenco outros ótimos atores como Marcos Frota, Maria Clara Gueiros, Nelson Freitas, além das participações especiais generosas de Marcos Vêras e Dan Stullbach.

O Brasil não tem tradição de musicais no cinema. Que desafios você enfrentou por conta disso?

Foram muitos desafios, pela falta de tradição de musicais em cinema brasileiro. Mas com uma equipe maravilhosa, sob a produção executiva do Romulo Marinho e a produção de Eliane Ferreira, com a experiência da dupla Möeller e Botelho, do grande coreógrafo Alonso Barros, dos arranjos musicais de Marcelo Castro, com a fotografia do Alemão, montagem da Leticia, a sonorização de Larocca e Armandinho, os efeitos especiais dos bichos falando do Sica e sua equipe, e todos os demais, tudo ficou mais fácil. As filmagens transcorreram em um clima maravilhoso, rimos muito durante as cenas, nos divertimos mesmo! A comédia vingou para valer durante as gravações, a partir de um ótimo texto e muitos ensaios.

ENTREVISTA

DIRETOR: JOÃO DANIEL TIKHOMIROFF

Você contou com uma estrutura grande para filmar “Os Saltimbancos Trapalhães: Rumo a Hollywood”. Em algumas cenas, chegou a usar quatro ou cinco câmeras, o que não é comum no cinema nacional. Por quê?

Quando fiz “Besouro”, usei cinco câmeras simultâneas para cenas de ação. É uma coreografia, assim como temos várias neste filme. Então, procurei usar a mesma técnica para as cenas musicais. Foi fundamental para que não precisássemos repetir muitas vezes os números musicais, o que deixaria os atores e os membros da trupe do circo, que são bailarinos extraordinários, exaustos. Nas cenas de dramaturgia usamos duas câmeras. Tivemos equipamentos de primeira linha e uma equipe fantástica em todas as áreas, desde uma direção de arte a figurinos de primeira. Tudo para dar ao filme um glamour que fazem as piadas dos Trapalhães Didi e Dedé terem um ar de homenagem.

Se não fosse assim, eu não teria dirigido e nem produzido este filme. Conseguimos essa estrutura com muito sacrifício porque, claro, não tivemos um orçamento hollywoodiano. Apesar de o orçamento ser apertado, acredito que o resultado na tela passa um encantamento visual.

Qual foi o seu grande objetivo ao fazer esse filme?

Eu fiz o filme que queria fazer para o Renato Aragão. Ser um resgate para a dupla Didi e Dedé, uma homenagem aos Trapalhães. Quis contar esta história para que as famílias brasileiras pudessem se deliciar novamente com Os Saltimbancos. Procurei fazer um filme com todo o cuidado e a delicadeza que o Renato merece e, ao mesmo tempo, resgatar esta história linda.



ENTREVISTA

RENATO ARAGÃO

Ele é provavelmente a pessoa que mais levou gente aos cinemas brasileiros, graças aos 23 filmes da franquia Os Trapalhões e a outros tantos protagonizados por Didi. Em “Os Saltimbancos Trapalhões: Rumo a Hollywood”, Renato Aragão chega ao 50º longa na carreira, praticamente todos como protagonista. Apesar da marca impressionante, o comediante de 82 anos mantém a motivação de um iniciante: “Para mim (este filme), é uma estreia. Vou começar uma nova fase no cinema”. Nesta entrevista, ele faz graça ao falar das cenas em que canta, comenta o entrosamento com o velho parceiro Dedé e rasga elogios ao restante do elenco.

ENTREVISTA

RENATO ARAGÃO

Como é voltar ao cinema depois de quase uma década afastado?

Nos últimos anos, surgiram muitos convites para voltar ao cinema. Mas queria um projeto que eu tivesse muita vontade de fazer. Para mim, é uma estreia. Vou começar uma nova fase no cinema. É um filme novo, que conta uma história diferente daquela que contamos em 1981. Os atores são outros. As músicas é que são do outro filme, mas estão modernizadas. Todas são maravilhosas, eternas, históricas. Todas as músicas do Chico Buarque são um tesouro. Daria para fazer um filme de cada uma delas. Tenho certeza de que o público vai adorar “Os Saltimbancos Trapalhães – Rumo a Hollywood”.

Há toda uma geração que tem “Os Saltimbancos Trapalhães” em sua memória afetiva. Agora, você levará essa história a uma nova geração. Como você lida com esse desafio?

Esse filme deve atingir duas ou três gerações: pai, filho e neto. O neto ainda está descobrindo quem eram Os Trapalhães. Só ouviu o pai contar. Mas eles têm o Youtube para ver cenas dos filmes e dos programas. Os pais certamente ficarão saudosos do primeiro “Os Saltimbancos Trapalhães”. Mas temos novidades. O roteiro é diferente. A história mudou e a trilha tem uma música inédita do Chico Buarque.

Como foi cantar no filme?

Eu canto no filme? (risos) A primeira vez que cantei na vida foi no coral da igreja. Quando terminei, metade das pessoas mudou de religião (risos). Na verdade, canto como Didi: tudo errado, fora do tom. É o personagem cantando, não o Renato Aragão.

ENTREVISTA

RENATO ARAGÃO

E como foi compartilhar o set com a sua filha, cada vez mais madura como atriz?

No set, ela é uma pessoa qualquer. Não a vejo como filha ali, mas como atriz. Uma vez, ela disse para mim: “Pai, não quero fazer essa ponta. Quero fazer o filme do início ao fim”. Eu disse: “Pera aí. Tem muita gente na fila. Você precisa mostrar que é uma atriz”. E ela: “Mas pai, eu já sei chorar”. E botou uma lágrima. Aí, eu chorei também. Brinco dizendo que queria que ela fosse paleontóloga porque já teria um protótipo de dinossauro em casa. Mas não teve jeito, virou atriz (risos). Já fez oito filmes, vários telefilmes, seriado. Ela se dedica muito à profissão. Fez dois cursos nos EUA. Se quiser seguir essa carreira, tem de saber cantar, dançar e interpretar.

Você imaginava estrear no teatro depois dos 80 anos? Conte um pouco sobre a experiência com o musical que inspirou “Os Saltimbancos Trapalhões – Rumo à Hollywood”.

Eu não esperava (risos). Havia feito mais de quatro mil shows, mas era com o público distante, uma plateia enorme que a gente, graças a Deus, nem via onde terminava. No teatro, é olho no olho. Foi a minha mulher quem sugeriu o desafio. Ela entrou em contato com o Charles Möeller e o Claudio Botelho e acabei envolvido. Quando li o texto, fiquei empolgado. Achei que seria inusitado, um sucesso. A gente nunca sabe quando o sucesso vem, mas senti o cheiro. Então fizemos a peça, de duas horas e meia. Eu não sabia para onde ir no palco, tinha um guia para me levar. Eram duas horas sem parar. Ficamos meses fazendo o espetáculo para mil e tantas pessoas por dia. Temos planos de levar a peça para São Paulo.

ENTREVISTA

RENATO ARAGÃO

E o trabalho com o João Daniel Tikhomiroff como diretor?

João é um parceiro antigo, já fizemos telefilmes juntos. O primeiro deles foi “Didi, o Peregrino”. Fiz o Caminho de Santiago e foi bem cansativo. Andei tanto, gastei tanto as pernas, que quase virei anão (risos).

Uma curiosidade: como surgiu o Didi?

Sem querer. Fui aprovado para fazer um programa na TV Tupi de Fortaleza. Quando estava escrevendo o primeiro episódio, achei estranho o nome Renato no papel. Não era um nome engraçado. Precisava de um apelido. Aí veio Didi na cabeça e ele nasceu. E ele é o mesmo desde então. As situações é que mudam. Hoje está no circo, mas amanhã pode estar na rua, em Los Angeles ou no Caminho de Santiago.



ENTREVISTA

DEDÉ SANTANA

Nascido em uma família de artistas, Dedé Santana já trilhava uma carreira no humor quando conheceu Renato Aragão na TV Tupi, no Rio de Janeiro, em 1964. Fizeram um quadro juntos no programa “A, E, I, O... Urca” e, no ano seguinte, o primeiro filme juntos, “Na Onda do lê- lê- lê”, na estreia de Renato na telona. Cinquenta anos, 23 filmes e um enorme sucesso depois, o entrosamento continua afiado, o que ficou claro logo nos ensaios para “Os Saltimbancos Trapalhães: Rumo a Hollywood”. “É lindo. Tenho muito orgulho de estar ao lado dele”, diz o ator, que volta a filmar com o velho parceiro após a estreia da dupla no teatro em “Os Saltimbancos Trapalhães”, musical montado em 2014.

ENTREVISTA

DEDÉ SANTANA

Que diferença você vê entre a produção deste filme e a de “Os Saltimbancos Trapalhões” de 1981?

Foi muito importante para nós fazer “Os Saltimbancos Trapalhões” com essa tecnologia disponível hoje. Todas as cenas do longa-metragem de 1981 feitas nos Estados Unidos foram dirigidas por mim. E era muito difícil porque nós só víamos o resultado três dias depois. Hoje, vemos na hora. Então, a sensação de voltar a essa história com pessoas maravilhosas, competentes e um equipamento moderno é muito boa. A felicidade é muito grande.

Que significado tem para você reviver essa parceria com o Renato Aragão?

Tinha muito tempo que eu não filmava com o Didi. Para mim, é um orgulho estar ao lado dele. É um cara que conseguiu chegar perto do ídolo dele, que sempre foi o Oscarito. Renato quis fazer cinema por causa dele. E, hoje, eu diria que ele está em um patamar semelhante ao do ídolo. Trabalhar junto dele é importante e gostoso. Vocês não imaginam o que é, para mim, estar ao lado de um grande comediante como o Renato Aragão.

Nos bastidores, todos ficaram impressionados com o entrosamento que você e Renato demonstraram desde a leitura do roteiro até a filmagem das cenas. Como se dá esse jogo de improviso entre vocês?

A química é assim: como temos muita facilidade de improviso, conforme ele vai falando, vou encontrando deixas para entrar e preparar a piada, fazer a escada. Sei que vou largar algumas falas e ele vai soltar determinadas piadas em cima porque o raciocínio do Renato é muito rápido. Então, conseguimos fazer isso. É lindo.

ENTREVISTA

DEDÉ SANTANA

Você participou da estreia do Renato no cinema, em 1965, no filme “Na Onda do lê- lê- lê”, um ano depois de iniciarem essa parceria. O que você relembra dessa experiência?

Nosso sonho era fazer cinema. Principalmente o do Renato. Eu queria ser diretor e ele, o Oscarito. A experiência foi muito legal para conhecer melhor a engrenagem do cinema. O diretor era maravilhoso, o Aurélio Teixeira, um tremendo ator do Cinema Novo. A gente não sabia até onde podia improvisar ali. Descobrimos que tínhamos menos liberdade para isso que na TV. Havia regras. Além disso, tivemos muita dificuldade com a dublagem, entre outros por conta de alguns trejeitos que fazíamos. Tanto que o nosso segundo filme já foi com som direto. “Na Onda do lê-lê-lê” bateu recordes de bilheteria. Foi quando a coisa engrenou e quando descobri como o Renato era corajoso.

Depois desse, você fizeram outras dezenas de filmes juntos. Quais foram os mais marcantes para você?

Rapaz, nem tenho todos esses filmes. Mas, para mim, o mais engraçado da minha parceria com o Renato, em que nós fazemos uma espécie de O Gordo e o Magro, é “Robin Hood, o Trapalhão da Floresta” (1973). O que eu considero o nosso melhor na telona é “Aladim e a Lâmpada Maravilhosa” (1973), no qual estamos mais para atores do que para comediantes. Há uma cena séria no final que o Renato fez lindamente. Sou meio suspeito para falar dele, de quem sou fã. Ele fazia um discurso para a moça e dava rosas para ela. Algumas caíam e ele pisava em cima. É o nosso melhor trabalho juntos. Dos filmes que dirigi, gosto muito de “Os Trapalhões e o Mágico de Oróz” (1984), com a Xuxa, e “A Filha dos Trapalhões” (1984). Também dirigi a parte de “Os Saltimbancos Trapalhões” (1981) feita nos EUA.

ENTREVISTA

DEDÉ SANTANA

Ao voltar ao set para fazer “Os Saltimbancos Trapalhões: Rumo a Hollywood”, você lembrou muito do Mussum e do Zacarias?

Eu me emocionei muito. Tinha horas em que lembrava muito dos dois. No final, tem uma cena em que todos vão para a entrada do circo. Como eu me lembrei deles naquele momento. Em “Os Saltimbancos Trapalhões” de 1981, também tinha uma cena na entrada do circo. Então, foi inevitável. No final também, quando entramos no picadeiro. Parecia que eles estavam entrando conosco, ao nosso lado. O Renato deve ter sentido o mesmo. Eu era muito agarrado com o Mussum, éramos muito amigos. Me deu uma coisa de nostalgia, saudade. Não sei como chamar.

Sua família era de artistas. O circo é um lugar familiar para você? Quais são as lembranças que esse ambiente traz para você?

A família está na oitava geração circense. Fui nomeado agora embaixador do circo no Brasil. Não tem como eu não me emocionar ao entrar num picadeiro. Sempre acontece. Agora, imagina fazendo esse filme, lembrando de Mussum e Zacarias entrando comigo. Também lembro muito do meu irmão, do meu pai, da minha mãe. Ela foi considerada a maior contorcionista da América do Sul. Quando os americanos fizeram o filme “O Maior Espetáculo da Terra” (vencedor do Oscar de 1953), foram buscar artistas circenses em vários países e quiseram levar a minha mãe, Ondina Santana. Ela não foi por causa da família. Dizem que nós, Trapalhões, levamos o humor circense para a TV e eu tenho muito orgulho disso. Eu sempre sugeria números de circo para as cenas tanto na TV quanto no cinema.



ENTREVISTA

LETÍCIA COLIN

A experiência de cinco musicais no teatro e o talento comprovado em trabalhos como a série “Nada Será Como Antes” levaram Letícia Colin a uma grande oportunidade: interpretar Karina, a gata de “Os Saltimbancos Trapalhões: Rumo a Hollywood”. Um desafio que a atriz encarou como um presente, tanto pela chance de contracenar com Renato Aragão e Dedé Santana quanto pela possibilidade de descobrir como transportar o que aprendeu nos palcos para a telona.

ENTREVISTA

LETÍCIA COLIN

Como é fazer “Os Saltimbancos Trapalhões”?

É uma emoção intensa, uma sorte. Muitas coisas misturadas. Eu me emocionei muito no último dia porque foi único, mágico. O contato com o Renato, com o Dedé... Formamos uma trupe. Esta foi a sensação: estar num circo de verdade, a galera morando aqui, a gente fazendo parte do dia a dia, vendo os filhos dos circenses correndo, a galera treinando no picadeiro, a gente comendo, almoçando, jantando nesta lona. É muito intenso. E estou muito feliz por fazer a Karina. É uma personagem que exige um pouco de música, uma disponibilidade física para dançar e o encantamento pelo circo e que chegou para mim no momento em que eu estava pronta para fazê-la. Fico muito emocionada para falar dela porque é uma personagem que ama muito circo, que luta pelo circo, que é uma artista de verdade. Isso me comove muito, ter a chance de interpretar alguém assim ao lado destes caras, que são gênios, ícones, guerreiros. Aprendi diariamente. Estou plena por ter feito parte de um filme assim. Dei o meu melhor. Minha luz, meu amor, minha alegria, minha energia, meu suor. Muitas calorias eu deixei pela Karina e por este filme.

Como você acha que as pessoas receberão este filme?

É uma delícia terminar um trabalho orgulhosa do que foi feito. Tenho certeza que está bem legal. Espero que as pessoas recebam tudo que a gente colocou neste filme de afeto, de entrega, de energia. Acho que vai ser uma experiência feliz para quem estiver no cinema assistindo. É um filme que traz uma esperança, que fala do circo, da arte superando a ganância, da gente conseguir manter nosso caminho artístico também como forma de posicionamento político. Tem muito a ver com a trajetória de Os Trapalhões, que é fazer rir, continuar emocionando independentemente do que aconteça, continuar brincando, provocando riso, emoção, lágrima, gargalhada. Foi maravilhoso.

ENTREVISTA

LETÍCIA COLIN

Você trabalhou com o Claudio Botelho no teatro musical. Agora, vocês fizeram um musical para cinema, um gênero totalmente diferente.

É um luxo a gente poder recorrer à experiência do Claudio. Assim como a do Alonso, nosso coreógrafo. Mas a gente tem essa experiência com musicais no teatro. Aprendemos muito fazendo este filme. Foi preciso refletir para converter isso em linguagem de cinema. Às vezes, dava vontade de olhar para a câmera. Aí, debatíamos: pode olhar, não pode olhar, mas o público está lá, então a gente também pode trazer eles assim, etc. Ou sobre fazer o número cantando a plenos pulmões para que ficasse crível. Fomos vendo o que funcionava. Acho que é um encontro muito feliz este filme, de pessoas que amam fazer isso. Você se sente assim, livre, feliz, criando, produzindo, entregando alguma coisa. Se sente flechando o espectador. O musical tem isso. Você joga uma flecha.

E como foi trabalhar com o Renato Aragão?

Trabalhar com o Renato é engraçado. Foi meio estranho. Não me acostumei a ver ele ali fazendo o Didi. É louco ver ele ali na minha frente, as piadas todas, os bordões, o jeito dele falar, tudo acontecendo. Tá muito dentro do meu HD, da minha memória. Foi o maior barato, tanto ele quanto o Dedé, logo na primeira leitura, a cena já se encaixando, as piadas já funcionando num timing perfeito e eles colocando caco sabendo o que o outro vai falar, como vai responder. Então, foi um presente. Várias atrizes poderiam estar no meu lugar e eu, uma jovem, tive esta sorte de estar lá. E eu contracenei bastante com ele. Pude, ao mesmo tempo, descobrir uma doçura no Renato. Ele tem uma coisa tranquila de falar, uma delicadeza. A gente vai percebendo a variedade de lados que uma pessoa tem quando está perto. Deu muita vontade de mandar bem nestas cenas com ele, para o filme ficar do jeito que a galera merece e fazer de “Os Saltimbancos Trapalhões” uma realização enorme. Estava muito motivada para dar conta de atuar e cantar bem. Até porque, além disso tudo, estas músicas do Chico Buarque são históricas, daquelas que todo mundo quer ter a chance de cantar para alguém ouvir. No chuveiro não vale (risos).

ELENCO

ALINNE MORAES

Alinne Moraes começou sua carreira como modelo, quando tinha apenas 12 anos. Estreou na televisão em 2002 com uma participação em “Os Normais” e no mesmo ano participou da novela “Coração de Estudante”. Seu primeiro personagem de destaque na dramaturgia se deu na novela “Da Cor do Pecado”, quando Alinne viveu a surfista Moa. A atriz participou ainda das novelas “Bang Bang”, “Duas Caras”, “Viver a Vida” e “Além do Tempo”. Também fez parte dos especiais “As Cariocas” e “Tim Maia: Vale o que vier”. Atualmente, está no ar com a novela “Rock Star” e dá vida à personagem Tigrana em “Os Saltimbancos Trapalhães – Rumo a Hollywood”.





ELENCO

RAFAEL VITTI

O jovem ator Rafael Vitti começou sua carreira em 2005 com o filme “Amor de Mula” e ganhou maior popularidade como destaque da 22ª temporada de “Malhação” em 2014. Nos últimos dois anos, esteve no quadro “Não Se Apega Não”, do “Fantástico”, e no elenco da novela “Velho Chico”. Atualmente, está no ar com o personagem Léo Régis, de “Rock Story”, na Rede Globo. “Os Saltimbancos Trapalhões – Rumo a Hollywood” é seu terceiro filme, no qual vive o personagem Pedro, par romântico de Livian Aragão.

ELENCO

EMILIO DANTAS

Emilio Dantas iniciou a carreira no teatro em 2006, mas tornou-se conhecido do grande público em 2013 quando viveu Cazuza no musical “Cazuza – Pro Dia Nascer Feliz”. Na televisão, Emilio fez parte do elenco de “Dona Xepa” e “Além do Tempo”. Nos cinemas, o ator participou das produções “Léo e Bia”, “Linda de Morrer” e “Em Nome da Lei”. Em “Os Saltimbancos Trapalhães – Rumo a Hollywood”, Emilio Dantas vive Franck Severino, par romântico de Letícia Collin.



ELENCO

LIVIAN ARAGÃO

Com apenas 17 anos, Livian Aragão traz no currículo uma série de trabalhos na TV e no cinema. Além de participar de diversos longas-metragens ao lado do pai, Renato Aragão, Livian também atuou na novela “Flor do Caribe” e na última temporada de “Malhação”. “Os Saltimbancos Trapalhões – Rumo a Hollywood” é seu sétimo filme e dará à atriz o papel de Luiza, sobrinha da cartomante Zoroastra.



ELENCO

MARCOS FROTA

Aos 60 anos, dos quais 40 deles dedicados ao trabalho artístico, Marcos Frota se consagrou na TV com personagens marcantes. Entre eles, o famoso Tonho da Lua, de “Mulheres de Areia”; o rico Diego Bueno, um dos personagens principais de “A Próxima Vítima”; o deficiente visual Jatobá, de “América”; e o trapezista Henrique Romano, da novela “Cambalacho”. A paixão pela arte circense levou Marcos Frota a abrir seu próprio circo e a criar um projeto social em que desenvolve ações artísticas, sociais e pedagógicas. Misturando ficção à vida real, o UniCirco é o picadeiro do filme “Os Saltimbancos Trapalhães – Rumo a Hollywood” e Marcos Frota é o vilão Assis Satã.



ELENCO

MARIA CLARA GUEIROS

Reconhecida por seu trabalho como atriz na televisão, no cinema e no teatro, Maria Clara Gueiros é a cartomante Zoroastra em “Saltimbancos Trapalhães – Rumo a Hollywood”. Seu primeiro trabalho de destaque na televisão foi no especial “Não Fuja da Raia”, em 1995. De lá para cá, Maria Clara participou de novelas e programas de humor, como “Sob Nova Direção”, “A Diarista”, “Minha Nada Mole Vida” e “Zorra Total”. No teatro, Maria Clara deu vida à Bruxa Má do Oeste, no musical “O Mágico de Oz”, e à matriarca da família fantasma no espetáculo “Pluft, o Fantasminha”. Nos cinemas, a atriz participou dos longas “Muita Calma Nessa Hora” e “O Diário de Tati”, além de dublar as animações “Bolt: Supercão” e “Minions”.



ELENCO

NELSON FREITAS

Um dos rostos mais conhecidos da dramaturgia brasileira, Nelson Freitas já participou de diversas produções na televisão. Entre as mais conhecidas, estão as novelas “Rainha da Sucata”, “Felicidade”, “Irmãos Coragem” e “Salsa e Merengue”. Em 2001, passou a integrar o programa “Zorra Total”, que foi reformulado em 2016, mas ainda conta com a presença do ator no elenco principal. Nos cinemas, Nelson participou dos longas “Acredite! Um Espírito Baixou em Mim”, “Muita Calma Nessa Hora” e “O Concurso”. Em “Saltimbancos Trapalhões – Rumo a Hollywood”, Nelson Freitas vai dar vida ao Prefeito Aurélio Gavião, personagem que tenta usar o circo para promover sua campanha de reeleição na cidade.





ELENCO

ROBERTO GUILHERME

Conhecido pelo icônico personagem Sargento Pincel, Roberto Guilherme fez parte de “Os Trapalhões” por mais de 30 anos. Sua carreira começou na TV Excelsior em 1965 e desde então o ator nunca abandonou a comédia. “Viva o Gordo”, “Escolinha do Professor Raimundo”, “Caça Talentos” e “Zorra Total” são alguns dos programas humorísticos que contaram com a participação do ator ao longo de sua carreira. Em “Os Saltimbancos Trapalhões – Rumo a Hollywood”, Roberto vai dar vida ao dono do circo, Barão Bartholo.

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

MARCOS VERAS

Marcos Veras tem uma carreira eclética. Em seu currículo como ator e apresentador há programas de rádio, televisão e internet, sem contar suas atuações no cinema e no teatro. Em 2008, criou o stand-up comedy “Falando A Veras” e viajou pelo país apresentando seu trabalho. No ano seguinte, passou a ganhar papéis recorrentes no “Zorra Total”, na Rede Globo, onde já vinha fazendo participações especiais desde 2001. Fez parte do elenco principal do “Encontro com Fátima”, entre os anos de 2012 e 2015, e do canal no YouTube “Porta dos Fundos”, entre 2014 e 2015. Nos cinemas, Marcos Veras atuou em “Copa de Elite”, “Entre Abelhas”, “Entrando Numa Roubada”, “Shaolin do Sertão” e “Filho Eterno”. Em “Os Saltimbancos Trapalhães – Rumo a Hollywood”, Veras fará uma participação especial como Carlos.



PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

DAN STULBACH

O ator e apresentador Dan Stulbach fez sucesso com o polêmico personagem Marcos Soares em “Mulheres Apaixonadas”. Mas antes de começar a carreira na televisão, o ator já trabalhava no teatro e no rádio. Além de atuar nas minisséries “Por Toda Minha Vida”, “JK”, “Queridos Amigos” e “Afinal O Que Querem as Mulheres?”, Dan também apresentou os programas “CQC” e “Saia Justa”. No cinema, Dan esteve em cartaz com as produções “Som & Fúria – O Filme”, Meu Amigo Hindu”, “O Vendedor de Sonhos”, além de dublar a personagem Baguera no live-action “Mogli - O Menino Lobo”. Dan Stulbach vai brincar de sócia de um famoso ator americano a partir de uma pequena participação no filme “Os Saltimbancos Trapalhões – Rumo a Hollywood”.



O GRANDE CIRCO SUMATRA

Poucos ambientes são tão ricos do ponto de vista estético quanto o circo, repleto de cores alegres, figurinos criativos, maquiagens peculiares e uma atmosfera onde se respira arte. Um prato cheio para o experiente Claudio Amaral Peixoto, diretor de arte de “Os Saltimbancos Trapalhães: Rumo a Hollywood”, mas não necessariamente uma tarefa fácil. Para começar, nada é pequeno por ali. Todos os elementos têm grandes dimensões e precisam ser projetados e construídos. “Você não encontra nada à venda para montar um circo”, explica ele. Para completar, é preciso tirar o que for necessário do papel e gerar belos efeitos visuais sem extrapolar os recursos disponíveis.

Por isso, a direção de arte partiu de uma estrutura preexistente: o Unicirco, do ator Marcos Frota, que interpreta o vilão Assis Satã no filme. Instalada na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, a lona e os elementos em seu entorno ganharam cores mais fortes e vivas, menos realistas e mais fantasiosas. Afinal, apesar da decadência do Grande Circo Sumatra, era preciso preservar a alegria. Foram construídos também camarins, painéis com pinturas e uma grande entrada cenográfica, já que o circo da ficção é maior que o da realidade.

TRILHA SONORA

Se as canções podem ser consideradas a alma de um musical, as onze compostas por Chico Buarque, Sergio Bardotti e Luiz Enríquez Bacalov transformaram a peça “Os Saltimbancos” num clássico assistido por diversas gerações de brasileiros. Gravados originalmente em 1977, versos como “Au, au, au, inhó, inhó”, de “Bicharia”; “Nós gatos já nascemos pobres, porém, já nascemos livres”, de “História de uma Gata”, e “Dorme a cidade, resta um coração”, de “Minha Canção” ganharam inúmeras interpretações ao longo das décadas seguintes e, hoje, fazem parte do imaginário popular. Por isso, o grande desafio da direção musical de “Os Saltimbancos Trapalhões: Rumo a Hollywood” foi apresentar arranjos originais para o filme sem descaracterizar as músicas.

O trabalho coube à dupla Charles Möeller e Claudio Botelho, bem como a Marcelo Castro, que assinam respectivamente a direção musical e a trilha sonora. Para alcançar o objetivo, uma das estratégias foi dar aos refrões e trechos mais conhecidos uma sonoridade mais próxima da original, deixando as propostas mais ousadas para outros momentos das canções. Ou dar o tratamento mais conservador à primeira repetição da música para dar asas à criatividade nas demais. Nestas últimas, surgem elementos de valsa, blues e até de música country.

Möeller, Botelho e Castro já haviam trabalhado juntos na recente montagem de “Os Saltimbancos Trapalhões” para o teatro. Nada – ou muito pouco – deste trabalho foi aproveitado para o filme. “Houve um grande trabalho de estúdio para aperfeiçoar os arranjos com o canto dos atores isso permite ousar mais”, explica Castro, lembrando que a sonoridade precisa dialogar com o que ocorre em cena, outro complicador para o reaproveitamento das partituras. Todos os atores cantaram no filme, não houve dublagem por outros. O que ouvimos são as vozes dos próprios atores. Este grande desafio foi uma decisão conjunta da direção com a direção musical.

Além de novas versões interpretadas pelo elenco estelar do longa e por atores escolhidos a dedo para o coro, a trilha sonora conta ainda com uma música inédita de Chico Buarque: “Amor Natural”. Ela foi usada como tema do filme assistido pela gata Karina em uma das cenas de “Os Saltimbancos Trapalhões: Rumo a Hollywood”.



PRODUÇÃO

ELIANE FERREIRA

Trazer de volta para as telas do cinema a magia e o sentimento despertado por um clássico. Essa é a meta de “Os Saltimbancos Trapalhões: Rumo a Hollywood” que, para isso, conta com a experiência da produtora Eliane Ferreira, cuja assinatura também está presente em sucessos como “Besouro”, “Mato Sem Cachorro” e “Entre Abelhas”.

PRODUÇÃO

ELIANE FERREIRA

Quais foram os principais desafios de produção deste filme? O que norteou o trabalho?

Reunir um elenco tão grande para um musical é sempre difícil mas, nesse caso, foi ainda mais delicado, pois são grandes atores, pessoas especiais que têm uma agenda apertada e das quais não queríamos abrir mão para compor esse elenco maravilhoso. Assim, escolhemos o Rio de Janeiro para ser nossa locação – o que facilitou a reunião de todos. Lá, achamos o espaço ideal para a montagem do nosso circo. Sem contar que resgatar o maior clássico de Os Trapalhões no cinema – mesmo com uma nova história, um novo roteiro - é um enorme desafio também do ponto de vista da produção.

De que forma a realização do espetáculo teatral “Os Saltimbancos Trapalhões” contribuiu para a produção do filme?

Nosso filme é baseado na peça musical “Os Saltimbancos Trapalhões”, uma adaptação do grande clássico cinematográfico de Os Trapalhões e que resgata as lembranças mais genuínas de várias gerações. Tanto pela história como pelas músicas de Chico Buarque, que são atemporais, como “Piruetas” e “História de uma Gata”. Com roteiro de Mauro Lima, nossa nova história também faz o público infantil se divertir muito, ao mesmo tempo em que os adultos vão lembrar alguns dos momentos mais felizes de suas infâncias.

De que forma a expectativa dos fãs de Os Trapalhões impactou a produção?

Acredito que toda a geração que acompanhou Os Trapalhões na década de 1980 e início dos anos 1990 gostaria de reviver um pouco as situações cômicas do quarteto. Toda essa bagagem deles foi fundamental para a concepção do filme, que dá uma cara nova aos personagens, mas sem perder a sua essência. Com a nova trama, os pais que assistiam à história quando jovens terão a oportunidade de dividir essa lembrança com os filhos. “Os Saltimbancos Trapalhões: Rumo a Hollywood” é uma homenagem especial ao Renato Aragão e marca seu 50º longa-metragem. Os fãs vão se emocionar.

PRODUÇÃO

**MIXER
FILMS**

A Mixer Films acumula em seu portfólio conteúdos independentes e originais produzidos para vários canais (HBO, Discovery, Globosat, FOX, TV Globo, SBT, entre outros), sendo que muitos deles com exibição em países da América Latina, EUA, Europa e Ásia, como “O Negócio” e as animações “Sítio do Picapau Amarelo” e “Escola Pra Cachorro”. Além de produções para a TV que foram sucesso em audiência, como a série “A Garota da Moto” (SBT e FOX) e o reality “Desafio Celebridades” (Discovery), a Mixer foi duas vezes nomeada ao International Emmy Awards com a série “Mothern” e semifinalista do mesmo prêmio com o docudrama “Europa Paulistana”. Também foi nomeada ao Emmy Kids Awards com a série “Julie e os Fantasmas” e ao Emmy de Jornalismo com “O Assassinato de Jean Charles”.

Com cinco longas, como “Besouro”, “Corações Sujos”, “Confia em Mim”, “Mato Sem Cachorro” e “Entre Abelhas”, a Mixer também conquistou o reconhecimento nacional e internacional no cinema com prêmios em Taormina (Itália), Los Angeles (Pan African Film Festival), Canadá (Black Reel World), Berlin (selecionada no “Panorama Special” do Festival Internacional de Berlin), além de Grandes Prêmios da Academia Brasileira de Cinema.


GLOBO FILMES

Desde 1998, a Globo Filmes já participou de mais de 195 filmes, levando ao público o que há de melhor no cinema brasileiro. Com a missão de contribuir para o fortalecimento da indústria audiovisual nacional, a filmografia contempla vários gêneros, como comédias, infantis, romances, dramas e aventuras, apostando na diversidade e em obras que valorizam a cultura brasileira. A Globo Filmes participou de alguns dos maiores sucessos de público e de crítica como “Que Horas Ela Volta?”, “Tropa de Elite 2”, “Se Eu Fosse Você 2”, “2 Filhos de Francisco”, “O Palhaço”, “Getúlio”, “Carandiru” e “Cidade de Deus” – com quatro indicações ao Oscar. Suas atividades se baseiam em uma associação de excelência com produtores independentes e distribuidores nacionais e internacionais.

DISTRIBUIÇÃO



Fundada em 2006 a Downtown Filmes é a única distribuidora dedicada exclusivamente ao cinema brasileiro. Desde 2011, ocupa a posição da distribuidora número 1 no ranking de filmes nacionais e de 2013 até hoje vendeu mais de 50% de todos os ingressos de filmes brasileiros lançados. Entre seus maiores sucessos estão os filmes “Meu nome não é Johnny”, “Chico Xavier”, “De Pernas pro Ar 1 e 2”, “Até que a sorte nos separe 1, 2 e 3”, “Minha mãe é uma peça” e “Loucas Pra Casar”. Até dezembro de 2015, a Downtown lançou 88 longas nacionais, que acumularam mais de 80 milhões de ingressos. Em 2016 a distribuidora comemora 10 anos de existência com um *lineup* especial, entre eles: “Tô Ryca”, “O Shaolin do Sertão”, “Elis”, “O Último Virgem” e “Minha Mãe É Uma Peça 2”.



A Paris Filmes é uma empresa brasileira que atua no mercado de distribuição e produção de filmes, primando pela alta qualidade cinematográfica. Além de ter distribuído grandes sucessos mundiais, como o premiado “O Lado Bom da Vida”, que rendeu o Globo de Ouro® e o Oscar® de Melhor Atriz a Jennifer Lawrence em 2013 e “Meia-Noite em Paris”, que fez no Brasil a maior bilheteria de um filme de Woody Allen, a distribuidora tem também em sua carteira os maiores sucessos do cinema nacional, como as franquias “De Pernas Pro Ar” e “Até Que a Sorte nos Separe”. Nos últimos anos, a Paris lançou o vencedor do Grande Prêmio do Júri em Cannes 2013, “Inside Llewyn Davis – Balada de um Homem Comum”, dos irmãos Coen; o aclamado “O Lobo de Wall Street”, de Martin Scorsese, “Mapas Para as Estrelas”, de David Cronenberg (Melhor Atriz no Festival de Cannes – Julianne Moore); a primeira adaptação animada da obra-prima de Antoine de Saint-Exupéry, “O Pequeno Príncipe”; e as continuações A Série Divergente: “Insurgente” e o esperado final de Jogos Vorazes em “A Esperança – O Final”. Em 2016, os indicados ao Oscar® “Brooklin” e “O Lobo do Deserto”; o terceiro capítulo da série Divergente, “Convergente”, “Truque de Mestre – O 2º Ato” e sucessos do cinema argentino como “Kóblis”, com Ricardo Darín, são os grandes destaques; assim como a biografia do lutador José Aldo em “Mais Forte Que o Mundo”. Produzidos pela Paris Produções, há ainda “Um Namorado Para Minha Mulher” e “Carrossel 2 – O Sumiço de Maria Joaquina”.